

A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios¹

Semiotics in Brazil and in South America: routes, roles and deflections

Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade de São Paulo - USP
Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM
CNPq

Resumo

Neste artigo, procuramos apontar os papéis da semiótica discursiva francesa e os rumos que ela tomou na América do Sul, mas principalmente no Brasil, em que teve e continua a ter desenvolvimentos significativos. Trataremos principalmente da semiótica no Brasil, mas procuraremos, sempre que for de nosso alcance, estabelecer diálogos com os estudos semióticos na América do Sul, em especial na Venezuela, no Peru, no Chile e na Argentina, com que temos mais contatos.

Organizamos o artigo em três partes: a primeira, com algumas considerações muito gerais sobre a recepção da teoria semiótica do discurso em alguns países da América do Sul; a segunda, sobre a manutenção dos rumos na teoria e na metodologia e sobre o alargamento das finalidades e dos objetos de análise nesses centros de pesquisa semiótica; e a terceira, sobre o papel dos estudos semióticos e sobre os diálogos que a semiótica mantém com outras disciplinas, nos países mencionados.

Apontamos, dessa forma, os diálogos com outros estudos da linguagem que mais caracterizam a semiótica no Brasil e na América do Sul, e os objetos novos de que se ocupa, sempre procurando contribuir para o conhecimento da cultura e da sociedade de cada

país. Os estudos semióticos desenvolvidos na América do Sul caracterizam-se: pela formação em semiótica que tem dado aos estudantes de diferentes áreas; pela institucionalização da semiótica discursiva como disciplina universitária; pela busca de desenvolvimentos teóricos e metodológicos, que possam dar algumas respostas aos desafios de uma sociedade multilíngue e pluricultural, ou seja, de uma sociedade da “mistura”, de uma sociedade mestiça; pela contribuição teórica que tem podido dar à comunidade semiótica internacional; pelo exame dos discursos sociais e culturais do Brasil e da América do Sul; e pelas contribuições inegáveis que a semiótica discursiva trouxe aos estudos da linguagem, no Brasil e na América do Sul.

Palavras-chave

Semiótica Discursiva, Semiótica no Brasil, Semiótica na América do Sul, Manutenção de rumos, Papéis dos estudos semióticos.

Abstract

In this article we intend to show the roles of French Discursive Semiotics and the courses it took in South America, but mainly in Brazil, where it has had significant developments. We will mostly deal with Semiotics in Brazil, but we will try, whenever possible, to establish dialogues with semiotic studies in South America, especially in Venezuela, Peru, Chile, and Argentina, countries we have more contact.

The article was organized in three parts: the first, with some very general considerations on the reception of the Semiotic Theory of Discourse in some countries in South America; the second, on the maintenance of the courses in theory and methodology and on the broadening of the effects and the objects of analysis in such Semiotics research centers; and the third, on the role of the Semiotic Studies and on the dialogues that Semiotics maintains with other subjects in the above mentioned countries.

We indicate, in such a way, the dialogues with other language studies that mostly characterize Semiotics in Brazil and in South America, and the new objects it has been concerned with, always

trying to contribute to the knowledge of the culture and society each country. The semiotic studies developed in South America are characterized: by the formal study of Semiotics which has been given to students in different areas; by the institutionalization of Discursive Semiotics as a university subject; by the search for theoretical and methodological developments that can give some answers to the challenges of a multilingual and pluricultural society, that is, of a society of “mixes”, of a crossbred society; by the theoretical contribution that can be given to the International semiotics Community; and by the undeniable contributions that Discursive Semiotics has brought, in Brazil and in South America, to language studies.

Keywords

French Discursive Semiotics, Semiotics in South America, Semiotics in Brazil, Maintenance of courses, Role of Semiotic Studies.

Considerações iniciais

Neste artigo, procuramos apontar os papéis da semiótica discursiva francesa e os rumos que ela tomou na América do Sul, mas principalmente no Brasil, em que teve e continua a ter desenvolvimentos significativos. Para tanto, retomamos dois de nossos estudos anteriores: “Rumos da semiótica” (2007) e “O papel dos estudos do discurso” (2009). São, portanto, reflexões novas e velhas, sempre recuperadas, nessa obsessão de encontrar sentido naquilo que fazemos e em que acreditamos. A semiótica discursiva francesa procura construir os sentidos dos textos a partir de estratégias, de procedimentos discursivos que produzem esses sentidos e a partir dos diálogos que os textos mantêm com outros textos.

Começamos, assim, retomando a definição de rumo dos dicionários e analisando-a semioticamente, para em seguida e de forma um tanto circular examinar os rumos e os papéis da semiótica na América do Sul, tanto no que diz respeito aos “rumos” e “papéis” da teoria e da metodologia quanto aos dos objetos e finalidades da análise. Trataremos principalmente da semiótica no Brasil, mas procuraremos, sempre que for de nosso alcance, estabelecer diálogos com os estudos semióticos na América do Sul, em especial na Venezuela, no Peru, no Chile e na Argentina, com que temos mais contatos.

No Dicionário Houaiss, um dos sentidos encontrados para “rumo” é o de “percurso, orientação a seguir para ir de um lugar a outro, caminho, vereda, itinerário, rota”. A partir dessa definição, “rumo” pode ser entendido, semioticamente, como movimento, construção, transformação, intencionalidade e direcionalidade, e é com essa concepção que temos pensado nos rumos da semiótica discursiva no Brasil e na América do Sul.

Organizamos o artigo em três partes: a primeira, com algumas considerações muito gerais sobre a recepção da teoria semiótica do discurso em alguns países da América do Sul e em especial no Brasil; a segunda, sobre a manutenção dos rumos na teoria e na metodologia e sobre o alargamento das finalidades e dos

objetos de análise nesses centros de pesquisa semiótica, e a terceira, sobre o papel dos estudos semióticos e sobre os diálogos que a semiótica mantém com outras disciplinas, nos países mencionados.

1. A Semiótica no Brasil e na América do Sul

A semiótica discursiva foi introduzida cedo e com entusiasmo na América do Sul. Uma das razões, sem dúvida, foi o grande desenvolvimento, nesses países, da linguística saussuriana, do estruturalismo, em campos diversos, e dos vários estudos semiológicos. Esses estudos foram precursores dos estudos da semiótica discursiva e, para muitos estudiosos, constituíram, na América Latina, uma primeira geração de semioticistas “avant la lettre”. Embasavam-se nos trabalhos de Barthes, Kristeva, Todorov, Eco, Lévi-Strauss, Marin, Durand, Metz, Ruwet, nas publicações da revista *Communications*, entre outros.

Os estudos semióticos na América do Sul, ou ao menos nos países a que estamos fazendo algumas referências, foram introduzidos, em geral, nos anos 60 e 70, bem no início, portanto, da semiótica greimasiana, por professores e pesquisadores da América do Sul, que leram *Semântica estrutural* e perceberam ali uma nova forma de tratar da linguagem, e que tiveram alguma relação mais pessoal com Greimas (foram seus alunos, de forma regular ou não, na Escola de Altos Estudos em Paris ou nas visitas do mestre à América do Sul – Greimas veio ao Brasil já em 1973). Esses primeiros entusiastas da teoria semiótica formaram uma escola de semiótica em seus países na América do Sul, pois ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e o espanhol estudos dos semioticistas franceses. As primeiras gerações de semioticistas na América do Sul, formadas diretamente por Greimas e que participaram do “Groupe de Recherches Sémio-linguistiques”, tiveram papel fundamental na implantação e desenvolvimento da semiótica na América do Sul. Eram estudiosos ligados à tradição universitária, com dois tipos de formação, principalmente: na área de Letras (linguística, teoria literária) e na de Comunicação e Artes. Em ambas, porém, com uma forte preocupação com a poética e a estética. Hoje, misturam-se várias gerações de semioticistas, nesses dois campos do conhecimento. Temos já “netos” e “bisnetos” intelectuais, doutores em Semiótica. A formação institucional em semiótica, com

a disciplinarização universitária, é um dos traços característicos de sua recepção e desenvolvimento na América do Sul e, sem dúvida, o que lhe deu mais força e permitiu a adequada conciliação entre a novidade e a tradição. Desde os anos 70, são oferecidas disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação. No início, sem dúvida, a semiótica tinha um caráter clandestino e “escondia-se” em rótulos diversos dos estudos linguísticos e literários tradicionais, mas, com outros nomes, formava alunos e pesquisadores.

Resta dizer ainda que uma das preocupações dos semioticistas que desenvolveram suas pesquisas na América do Sul (e também nos demais países da América Latina) foi sempre a de explicar os processos de significação do homem e da sociedade americanos, construir suas identidades, apontar seus traços universais e particulares. Com isso, em todos os países, foram desenvolvidas pesquisas em etnossemiótica, em sociosemiótica, em comunicação de massa, em política cultural, em literatura oral. Daí a manutenção dos rumos, de que se falará a seguir.

No Peru, o início dos estudos semióticos deveu-se, principalmente, a três semioticistas: Desiderio Blanco, Raúl Bueno e E. Ballón Aguirre, na Universidade de San Marcos, na de Lima e também na Católica, e, já no início dos anos 80, Desiderio Blanco e Raúl Bueno publicaram, em espanhol, uma metodologia da análise semiótica, com os fundamentos da teoria. Em português, no Brasil, os primeiros livros de fundamentos apareceram no final dos anos 80. Desiderio Blanco deu não só o impulso inicial da semiótica no Peru, como também difundiu a teoria, com rigor teórico e eficiência didática, mantendo-a sempre atualizada e formando uma geração de semioticistas peruanos, principalmente nas áreas de comunicação, com estudos sobre o cinema e a estética. Raúl Bueno e E. Ballón Aguirre introduziram os estudos semióticos sobretudo nas áreas de Letras e Linguística. A semiótica discursiva teve, no Peru, forte desenvolvimento e esteve, assim, sempre ligada aos dois campos do conhecimento: às áreas de comunicação social e aos estudos linguísticos e literários. Os semioticistas peruanos, tal como aconteceu nos demais países da América do Sul, desenvolveram trabalhos teóricos e metodológicos, participando da investigação dos temas comuns da semiótica geral, que se desenvolvia em outras partes, mas, ao mesmo tempo, examinaram objetos particulares da cultura no Peru e produziram conhecimento novo sobre a sociedade peruana. Nessa segunda direção, algumas das características da semiótica no Peru são os estudos da

literatura oral andina e da cultura popular peruana, em geral, as pesquisas em etnoliteratura e em comunicação de massa, o exame dos contatos e dos conflitos entre as línguas faladas no Peru, os estudos da literatura peruana, a partir principalmente de suas bases na literatura oral, e da literatura latino-americana. Enrique Ballón Aguirre (2002) insiste, com razão, em que muitas das peculiaridades da semiótica no Peru devem-se à situação “multinacional, multilingüe y pluricultural de la sociedad peruana”.

Entre os semioticistas peruanos de destaque, na linha de investigação da semiótica discursiva, podem ser mencionados, além dos acima citados, estudiosos de gerações diferentes, tais como Óscar Quezada, G. Dañino, Raúl Bendezú, Santiago López, Hermis Campodónico, Ricardo L. Costa e muitos outros.

Na Venezuela,² se deixarmos de lado a geração de precursores que despertou o interesse pelos estudos semióticos em diferentes áreas do conhecimento, a semiótica também foi iniciada nos anos 60 e 70. Os primeiros trabalhos, como, em geral, ocorreu nos demais países da América do Sul, voltavam-se para a análise de textos verbais, em especial, para a semiótica literária, com o exame de escritores venezuelanos. A semiótica discursiva propriamente dita começou com a volta de pesquisadores da Venezuela que se formaram na Europa, como foi o caso de Teresa Espar, Liddis Palomares, José Enrique Finol e Dobrila Djukich de Neri. Foi com esses estudiosos que o ensino e a pesquisa semióticas se desenvolveram na Venezuela e que a semiótica discursiva se institucionalizou. Teresa Espar criou um mestrado (1985) e um doutorado em semiótica, e um grupo de pesquisa (Grupo de Investigaciones Semiolingüísticas – GIS - 1984) muito ativo e produtivo na Universidade de los Andes, em Mérida. Acompanhamos, de perto, o entusiasmo e os bons resultados da semiótica em Mérida, pois lá estivemos, várias vezes, como professora visitante. Teresa Espar desenvolveu pesquisas, sobretudo, teóricas, mas também sobre identidade latino-americana, formou várias gerações de semioticistas, que hoje continuam seu trabalho na Venezuela, em diferentes direções: semiótica literária, sociosemiótica, semiótica da comunicação, do cinema, do audiovisual, do discurso didático, entre outros. Há, assim, na Universidade de Los Andes, vários professores jovens, formados, quase todos, por ela ou por Valmore Agelvis (nas áreas de semiótica literária e de semiótica e humor, principalmente), tais como Vaskén Kazandjian (semiótica literária), Jatniel Villarroel (discurso religioso), José Amador Rojas (semiótica literária – literatura e petróleo), María Labarca

(semiótica da cultura clássica – tragédia grega). Ainda na Universidade de los Andes, há um grupo de semiótica musical, com Drina Höcevar, e de semiótica visual e da arte, com Rocco Mangeri, na Faculdade de Arquitetura.

Na Universidade del Zulia, em Maracaibo, os estudos de semiótica discursiva foram implantados e desenvolvidos graças sobretudo a Jose Enrique Finol, em relação estreita com os estudos antropológicos e políticos. Há também um mestrado em semiótica na universidade. Trata-se de grupo muito ativo, que publica bastante e organiza eventos.

Além desses dois centros, devem ser mencionadas iniciativas mais individuais, em outras universidades do país, muitas vezes com estudiosos formados em Mérida e Maracaibo, por exemplo, na Universidade Pedagógica Libertador ou na Universidade Simón Bolívar (Luis Barrera Linares – semiótica da literatura).

Resta observar que, Roque Carrión Wam, da Universidade de Carabobo, foi pioneiro na área de semiótica jurídica na Venezuela e fora dela, e que Frank Baiz desenvolve, em Caracas, estudos semióticos sobre o audiovisual, o cinema e o desenho. Roque Carrión Wam apresenta, na sua semiótica jurídica, uma visão histórico-crítica do direito e trata, por exemplo, das mudanças sociais na América do Sul a partir dessa crítica do direito.

Da semiótica no Chile, sabemos pouco. Os trabalhos que lemos sobre a questão (DEL VILLAR, 1998) dizem que a semiótica discursiva instalou-se cedo também no Chile (anos 60), e antes de outros estudos semióticos, pelas razões comuns aos estudos discursivos na América do Sul, já apontadas, mas, principalmente, pelo interesse dos estudiosos chilenos, em período de intensa atividade política, em ter teoria e método para tratar da luta ideológica e fazer a crítica cultural e social. Foi nesse contexto que a semiótica discursiva encontrou seu lugar no Chile. Isso aconteceu também nos demais países da América do Sul, que viviam igualmente problemas políticos, mas, quem sabe?, a ênfase tenha sido maior no Chile, em cuja sociedade, de 69 a 73, as ideologias estavam em luta extremamente acirrada e a política era o foco das atenções. Nesse período, a semiótica desenvolveu-se sobretudo na Universidade Católica (no Centro de Estudos da Realidade Nacional e no Departamento de Comunicações da Escola de Artes e de Comunicação), com Armand Mattelart, Michèle Mattelart, Mabel Piccini, Luis Felipe Ribeiro, Gisélle Munizaga, Consuelo Morel, Rina Alcalay, Rafael del Villar, Valerio Fuenzalida. Os temas de investigação estão em estreita

relação com a conjuntura política chilena da época. Paralelamente a esses estudos, e de forma mais individual ou em pequenos grupos, são desenvolvidas pesquisas semióticas sobre a arquitetura, a literatura, a pintura e a comunicação, sobretudo em Valparaíso, tanto na Universidade do Chile quanto na Católica. Com o golpe militar de 1973, desapareceram os espaços de crítica nas universidades chilenas, e a semiótica voltou-se então, de um lado, para a literatura e a estética do visual, do outro, para a semiótica das comunicações. Finalmente, a partir dos anos 90, houve, no Chile, uma aproximação entre semiótica, antropologia e sociologia, e a semiótica deixou de estar ligada apenas à universidade e acercou-se das empresas e dos órgãos públicos. São desenvolvidos estudos sobre a publicidade, o desenho gráfico, o marketing, a mídia, e cresce, com isso, a procura por semioticistas. A institucionalização da semiótica é, em decorrência, reforçada.

No Brasil, a semiótica discursiva foi introduzida nos anos 60, em São Paulo, na Universidade de São Paulo e na Faculdade de São José do Rio Preto, hoje UNESP, por linguistas e estudiosos da literatura – Ignácio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tieko Yamaguchi Miyazaki –, que leram *Sémantique Structurale* e acreditaram ter encontrado um bom caminho para o exame dos sentidos dos textos e, por meio deles, para que se conhecessem melhor a sociedade e a cultura brasileiras. Esse grupo trouxe Greimas ao Brasil já em 1973, para ministrar um curso de semiótica da narrativa, publicou os textos desse curso, alguns inéditos, e deu início ao processo de formação de semioticistas no Brasil e de institucionalização da semiótica discursiva nos cursos de Letras. Já, então, participavam dessa empreitada Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, ex-alunos e colegas na universidade desses professores.

Foi criado, ainda em 1973, o Centro de Estudos Semióticos, que publicava a revista *Significação* – Revista Brasileira de Semiótica, e que teve papel inegável na formação de pesquisadores e na divulgação dessa linha de pesquisa semiótica. Os membros do Centro exerciam atividades de docência e pesquisa, sobretudo, na UNESP, em São José do Rio Preto e em Araraquara, e na Universidade de São Paulo – no Departamento de Linguística da FFLCH e na Escola de Comunicações e Artes. Nessas universidades, formou-se a maioria dos pesquisadores em semiótica no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área. Com o Centro de Estudos Semióticos e o ensino na universidade, em cursos de graduação e de pós-graduação, esse primeiro grupo cresceu, formaram-se

semioticistas do discurso para diferentes universidades e novos núcleos de pesquisa se constituíram. Podemos mencionar, entre outros formados nessa ocasião, alguns dos semioticistas de destaque, hoje, tais como Luiz Tatit e Anna Maria Balogh. Muitas gerações de semioticistas surgiram desse tronco comum. Novos grupos se constituíram no Estado de São Paulo, em Franca, em Ribeirão Preto, em Batatais, em Matão, em Bauru, na Universidade Católica (PUC), mas a semiótica discursiva não está, atualmente, mais restrita a São Paulo. Podem ser mencionados, entre os centros reconhecidos de pesquisa semiótica: em São Paulo, o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo (GES-USP), sob a direção de Ivã Lopes (e com Norma Discini, Waldir Bevidas, Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Antonio Vicente Pietroforte, Luiz Tatit, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin e outros), o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), animado por Ana Cláudia de Oliveira, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); em Araraquara, o Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada (Maria de Lourdes Baldan, Arnaldo Cortina, Renata Marchezan, Luiz Gonzaga Marchezan, Diana Junkes Toneto, Edna Maria Nascimento, Maria Célia Leonel, Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza, Fabiane Regina Borsato, Matheus Nogueira Schwartzmann, Tiekko Yamaguchi Miyazaki, Vera Lúcia Abriata, entre outros); em Bauru, o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom-UNESP, com Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Jean Cristtus Portela e Ana Sílvia Lopes Médola, entre outros); em Niterói, o SeDi, Grupo de Estudos em Semiótica e Discurso, da Universidade Federal Fluminense (UFF) (com Lúcia Teixeira, Renata Mancini, Oriana Fulanetti, Regina Souza Gomes, Sílvia Maria de Sousa); em Belo Horizonte, o Laboratório SEMIOTEC – Semiótica e Tecnologia (UFMG) (com Ana Cristina Fricke Matte); em Fortaleza, o SemioCE – Grupo de Estudos Semióticos do Ceará, sob a coordenação de Américo Saraiva e Ricardo Lopes Leite; em Londrina (Paraná), o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Estadual de Londrina (GES - UEL), sob a direção de Loredana Limoli; no Rio de Janeiro, o NUPES – Núcleo de Pesquisas em Semiótica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dirigido por Regina Souza Gomes; o GT de Semiótica da ANPOLL, dirigido por Waldir Bevidas e Jean Cristtus Portela; em Porto Alegre, na UFRGS, o Laboratório de Estudos Semióticos das Interações de Cuidado (LESIC), sob a coordenação de Dulce Maria Nunes e Luiza Maria Gerhardt (LOPES, 2011; 2012). Os novos grupos de estudos mostram bem a diversidade dos estudos de

semiótica discursiva no Brasil, e, ao mesmo tempo, a manutenção de estudos nas áreas de Letras e os novos caminhos da semiótica da comunicação, a preocupação teórica e a aplicada, com o exame dos discursos sociais.

No Centro de Estudos Semióticos, nos primeiros momentos, a formação se fazia com apostilas de semiótica, preparadas por Ignácio Assis Silva. Mais tarde, foram publicados livros de fundamentos de semiótica, de muita difusão no país: Diana Luz Pessoa de Barros, *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*, em 1988, e *Teoria semiótica do texto*, em 1990; José Luiz Fiorin, *Elementos de análise do discurso*, em 1989. Atualmente, há mais alguns outros livros de fundamentos semióticos em português, no Brasil.

As principais revistas de semiótica no país que publicam trabalhos sobretudo em semiótica discursiva são: *CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada* (UNESP), *Estudos Semióticos* (USP), *Galáxia* (PUC-SP).

Desde o Centro de Estudos Semióticos, nos anos 70, a semiótica no Brasil tem preocupações com o ensino e a formação de semioticistas, e com a pesquisa, seja ela teórica e metodológica, seja aplicada. Daí seus muitos diálogos com outras disciplinas, tais como a sociologia, a antropologia, a retórica, a psicanálise, as teorias da comunicação e das artes, os estudos linguísticos e literários, daí sua inclinação para a análise dos discursos sociais e culturais do Brasil. Essas pesquisas e análises serão mencionadas nos itens que seguem sobre os rumos e os papéis da semiótica.

Na Argentina, a história foi um pouco diferente, e a recepção da semiótica discursiva francesa foi muito menor. Isso se deve, em boa parte, às presenças fortes de Luís E. Prieto e de Eliseo Verón e de suas propostas de estudos do discurso, e à aproximação, progressiva e cada vez mais acentuada, que ocorreu entre a pesquisa argentina e a semiótica peirciana. A semiótica peirciana é bastante aceita e desenvolvida na Argentina, sobretudo, na semiótica da arquitetura e da comunicação. Uma das razões é o forte diálogo que os estudos das humanidades e das ciências sociais sempre mantiveram, na Argentina, com a Filosofia e a Psicanálise. A semiótica na Argentina, com outras vertentes, começou nos anos 60, e a Associação Argentina de Semiótica foi fundada já em 1973, por iniciativa de Eliseo Verón, Alicia Páez, Óscar Steimberg e Óscar Traversa.

Podemos mencionar, entre os mais afinados com a semiótica discursiva, os pesquisadores e professores da Universidade de Córdoba, entre os quais destacamos Danuta Teresa Mozejko, que se dedica, sobretudo, à semiótica

literária, e María Teresa Dalmaso, que se ocupa principalmente da comunicação de massa e do que ela denomina “discursividade social”. Em Córdoba, em cuja universidade Prieto trabalhou até ser exilado, a semiótica discursiva desenvolveu-se, principalmente, a partir da metade dos anos 80. Atualmente, a Universidade oferece um mestrado em sociosemiótica e um doutorado em semiótica geral.

Na Universidade Nacional de Missões, os semioticistas interessam-se também por uma semiótica da discursividade, em que a semiótica discursiva francesa dialoga com a semiótica da cultura de Lotman e com o dialogismo de Bakhtin. Ana María Camblong, Liliana Daviña, María Carrtini, Carmen Schiavo, Pedro O. Silva, Marcelino García, entre outros, dedicam-se a estudos de semiótica e educação, principalmente, com projetos de alfabetização intercultural, de alfabetização semiótica, de ensino de leitura, a estudos de semiótica da cultura e de semiótica literária, com o exame dos discursos literários, midiáticos e sociais. Há grande preocupação em observar as características culturais e de linguagem da província.

Também na Argentina é marcante, como se pode observar nas duas universidades mencionadas, a relação entre a produção de teoria e a situação econômica, social e política do país, em qualquer vertente da semiótica lá desenvolvida, como bem lembra Ravera (2000). Os principais temas tratados são, assim, a comunicação de massa, a política cultural, a ideologia e a construção de identidades, ao lado de preocupações com as artes, a literatura e a estética.

Em 1985, Graciela Latella, que se dedica principalmente à semiótica literária, publicou, na Argentina, um livro de metodologia e fundamentos semióticos, com análise de textos de J. L. Borges.

2. A manutenção do rumo

A semiótica discursiva francesa tem, em geral e nas diferentes instituições e países em que se desenvolve, *mantido o rumo*: apresentada como uma teoria que leva à construção dos sentidos do texto – ou seja, daquilo que o texto diz – e dos procedimentos para que ele diga o que diz, caracterizada como uma teoria que procura dar conta dos processos de significação e dos mecanismos de construção dos sentidos, a semiótica tem seguido o caminho proposto. Para tanto, a teoria tem sofrido alterações, mudanças, desenvolvimentos, pois é uma teoria que deve ser concebida, assim já propunha Greimas, como uma atividade de construção

ou, melhor ainda, como um projeto coletivo de construção teórica. Refazendo-se, retificando-se, consertando-se, modificando-se, desenvolvendo-se, dessa forma é preciso pensar a semiótica, pois é o único meio de conservar-se o “rumo”.

Nos primeiros momentos, o desenvolvimento da semiótica deu-se principalmente pela recuperação de questões teóricas e de objetos de análise que, de início, foram postos de lado: os da enunciação, os da oralidade, os da expressão. Com os avanços teóricos que trouxeram para o campo da semiótica essas novas preocupações e reflexões, e que foram bastante desenvolvidas no Brasil e em outros países da América do Sul, pelas necessidades do tipo de pesquisa realizada, conforme mencionado no item anterior, pôde a semiótica conservar seu rumo na construção dos sentidos do texto.

Nos últimos anos, os desenvolvimentos da teoria aconteceram, sobretudo, nos pontos extremos do percurso da geração da significação, isto é, nas estruturas fundamentais e nas discursivas, ou mesmo fora dele, no seu além e no seu aquém, mas continuou a haver mudança também no nível narrativo:

- A – dando continuidade aos acrescentamentos mencionados, da enunciação e das marcas de fala, desenvolveu-se uma semiótica da enunciação, no nível mais superficial do discurso e até mesmo além dele no percurso, com estudos:
- sobre as projeções e organização das pessoas, do tempo e do espaço dos discursos: o livro de José Luiz Fiorin, *As astúcias da enunciação* (1996), é o melhor exemplo desses estudos, no Brasil, tanto pelos acrescentamentos teóricos que traz à teoria quanto pela explicação primorosa da organização das pessoas, dos tempos e dos espaços, no português; na Venezuela, podem ser citados os estudos de Teresa Espar, que tratam de sintaxe e de semântica discursiva; na Argentina, os de Danuta Teresa Mozejko, sobre representação e enunciação;
 - sobre a estrutura narratológica da enunciação, com as questões de comunicação e interação, e dos níveis enunciativos (enunciador / enunciatário, narrador / narratário, interlocutor / interlocutário), tão necessários para o exame, por exemplo, dos discursos temáticos e das estruturas argumentativas, e da comunicação; mencionamos, no Brasil, os estudos de Maria da Graça Krieger, sobre os discursos dos dicionários, e nossos próprios trabalhos sobre o discurso das gramáticas do português, em que foram elaboradas propostas teóricas e metodológicas para o exame

de discursos temáticos e realizadas análises desses discursos sobre a língua e a sociedade no Brasil; no Peru, os de Enrique Ballón Aguirre (professor nos Estados Unidos) sobre questões do léxico andino, e os Óscar Quezada Macchiavello, sobre enunciação e comunicação;

- sobre o ator da enunciação e, em decorrência, sobre as concepções de *éthos* do enunciador e do narrador, e de estilo, em que devem ser ressaltados, no Brasil, os estudos de Norma Discini e de José Luiz Fiorin sobre *éthos*, estilo e identidade, os de Diana Luz Pessoa de Barros, sobre a identidade dos sujeitos intolerantes, os de Elizabeth Harkot de La Taille, sobre a construção discursiva da identidade e de Eduardo Calbucci sobre a enunciação na obra de Machado de Assis; na Argentina, os de Maria Teresa Dalmasso, sobre a construção da identidade da mulher; no Peru, os de Santiago López, sobre a representação e a visibilidade do Peru.

São três direções de pesquisa muito produtivas atualmente no Brasil e na América do Sul, em geral, com bons resultados. Os estudos sobre identidade, que se desenvolveram fortemente na América do Sul, passam sempre pelos estudos enunciativos, o que explica, em parte, o forte desenvolvimento teórico e metodológico de uma semiótica da enunciação na América do Sul e o grande número de análises enunciativas dos discursos sul-americanos. Os estudos enunciativos põem em diálogo a semiótica com a retórica e a estilística, com os estudos da comunicação, da interação e da conversação e com os estudos bakhtinianos, diálogos de que trataremos na terceira parte do artigo.

- B – no nível mais profundo do percurso e no das chamadas pré-condições da significação (no aquém do discurso), os desenvolvimentos da semiótica tensiva levaram a uma revisão das estruturas de partida do percurso e de suas pré-condições, que sofrem determinação tensivo-fórica (ou seja, as pré-condições são simulacros explicativos para resolver algumas das dificuldades da sensibilização discursiva); nos outros níveis, os estudos da tensividade conduziram ao exame:
- da sensibilização passional dos discursos;
 - das modulações e aspectualizações;
 - da estesia;
 - e, sobretudo, das estruturas perceptivas cognitivas e sensoriais dos discursos.

São bons avanços para a conservação do rumo, e que puseram a semiótica para dialogar com os estudos da percepção, com as teorias cognitivas e com as de preocupação estética e corporal. No Brasil, a vertente tensiva teve grande desenvolvimento e trouxe importantes contribuições teóricas à semiótica: ver, por exemplo, os estudos de Ignácio Assis Silva, de Luiz Tatit, de Ivã Carlos Lopes, de Waldir Beividas, de Lúcia Teixeira, de Antônio Vicente Pietroforte, de Renata Mancini, de José Roberto do Carmo Jr., de Ricardo Nogueira de Castro Monteiro, de Álvaro Antônio Caretta, de Márcio Coelho, de Peter Dietrich, principalmente sobre questões estéticas e sensoriais, na literatura, na pintura, na canção brasileira, na música. Além disso, esses estudiosos oferecem disciplinas e orientam pesquisa nessa vertente semiótica. As propostas de Zilberberg sobre a tensividade foram o principal ponto de partida de Luiz Tatit para elaborar um modelo para estudar a canção. Em 1994, publicou *Semiótica da Canção*, e, a partir dessa primeira pesquisa, desenvolveu trabalho original e pioneiro sobre a canção, tanto pela construção teórica e metodológica de uma semiótica da canção quanto pela análise primorosa da canção popular brasileira. Devem-se mencionar ainda em toda a América do Sul, estudos sobre as paixões discursivas, por exemplo, os estudos sobre a vergonha, de Elizabeth Harkot-de-la-Taille, ou sobre o medo, a vergonha e o ressentimento, de José Luiz Fiorin.

- C – no nível textual, fora, portanto, do percurso de geração da significação, os estudos do plano da expressão têm sido significativos, sobretudo, em três direções:
- da expressão de textos não verbais, cuja organização foi sempre menos examinada que a dos verbais;
 - do sincretismo da expressão (textos audiovisuais, visuais e verbais, etc.);
 - dos semissimbolismos e dos simbolismos, na relação entre expressão e conteúdo, e que têm papel de destaque no exame da novidade e da estereotipia cultural dos discursos.

Conforme foi observado, desde o começo, a literatura foi um dos objetos preferidos dos estudos semióticos na América do Sul, de início voltados para o plano do conteúdo dos discursos literários e para seu papel social, e mais tarde, para o exame também de seu plano da expressão. As preocupações estéticas sempre marcaram igualmente a semiótica nos países sul-americanos, seja em relação ao literário, seja quanto a questões estéticas da comunicação e das artes

em geral. Daí o empenho em tratar do plano da expressão dos textos, daí a grande quantidade de trabalhos publicados com essas preocupações. A inclusão do exame do plano da expressão na rota dos estudos semióticos leva, portanto, ao estabelecimento de diálogos com os estudos sobre a arte em geral e a estética, aí incluindo principalmente a literatura, a música e as artes visuais, como mostram, no Brasil, os inúmeros estudos de Ivã Carlos Lopes, José Luiz Fiorin, de Edward Lopes, de Antônio Vicente Pietroforte, de Tiekō Yamaguchi Miyazaki, de Lúcia Teixeira, de Dilson Ferreira da Cruz, de Ana Cláudia de Oliveira, de Diana Luz Pessoa de Barros, de Luiz Tatit, de Norma Discini, de Maria de Lourdes Baldan, de Arnaldo Cortina, de Luiz Gonzaga Marchezan, de Marisa Giannecchini de Souza, de Edna Maria Nascimento, de Kati Eliana Caetano, de Marcelo Machado Martins, entre outros; no Peru, os de Desiderio Blanco, principalmente sobre o discurso cinematográfico, os de Raúl Blanco e E. Ballón sobre a literatura peruana e latino-americana, em geral; na Venezuela, os de Liddy Palomares de Mendonza e de Danelle Triay, sobre o discurso literário, os de Vaskén Kazandjian, sobre o teatro, os de Frank Baiz, sobre o cinema e o desenho, os de Valmore Algevis, sobre caricaturas; na Argentina, os de Graciela Latella e de Danuta Teresa Mozejko sobre a literatura. Deve-se observar também o desenvolvimento de estudos semióticos da dança, com Mariana de Rosa Trotta, no Brasil, e Victor Fuenmayor, na Venezuela, entre outros;

D – no nível narrativo, que é, sem dúvida, por razões históricas do desenvolvimento da teoria semiótica e por razões também epistemológicas, a etapa mais bem explorada, aquela sobre a qual “sabemos mais”, e de cujo conhecimento se tem maior consenso entre os semioticistas. Criou-se, com isso, a aparência de coisa pronta, definitiva e acabada, mas aprendemos na semiótica que é preciso não ter tantas certezas, que é preciso desconfiar, para que o rumo possa ser mantido e não interrompido. Os estudos sobre a organização narrativa dos textos sofreram vários “saltos”, que conservaram a teoria no caminho. Atualmente, as mudanças mais significativas no âmbito dos estudos do nível narrativo, em que, como dissemos, tudo parecia pronto e resolvido, são as que vêm sendo desenvolvidas por Eric Landowski (2006). Landowski propõe quatro regimes de interação: a programação, a manipulação, o ajustamento e o acaso. Se os dois primeiros já eram tratados na semiótica, sofreram, nas propostas do semioticista, algumas alterações e especificações, e uma das

mais significativas, a nosso ver, é a relação estabelecida entre a programação e o papel temático (como um programa de comportamentos socialmente determinados). O grande desenvolvimento, porém, nesses estudos, é o do regime de ajustamento, até então tratado na semiótica sem diferenciação clara do da manipulação. Estabeleceu-se, assim, a distinção entre a união e a junção, e entendeu-se a união no quadro do contágio de sensibilidades (e não de persuasão), de relação corporal e estética. A programação e a manipulação participam do regime de junção, e o ajustamento, do da união.

Segue-se o caminho, com novos diálogos com os estudos sobre a interação, no caso, de risco, pois sempre se pode passar da manipulação à programação, em que tudo está regulamentado, ou do ajustamento ao acidente, isto é, ao acaso imprevisível. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, mas também em outros centros de ensino e pesquisa no Brasil, os estudos de Landowski têm recebido bons desenvolvimentos e sido usados para explicar e descrever discursos diversos, com ênfase nos das áreas de comunicação, publicidade e marketing do país. Vejam-se, entre outros, os trabalhos de Ana Cláudia de Oliveira, Yvana Fechine (em estudos sobre a semiótica do sensível e os discursos televisivos) e Luís Alexandre Grubits de Paula Pessoa (em estudos sobre o discurso publicitário).

Se os estudos da linguagem têm por fim último saber mais sobre o homem, dois tipos mais gerais de estudos têm-se desenvolvido: os que pensam o homem como ser biológico e os que o veem como ser social. De um lado, temos, portanto, os estudos que se preocupam com a linguagem como uma disciplina biológica e que, em última instância, levam às especificidades do homem, ao que lhe é próprio, às suas características definidoras, biologicamente e cognitivamente, em relação aos outros seres vivos. Do outro lado, estão os estudos que se ocupam da língua em uso e, portanto, em estreita relação com a história, a sociedade e a cultura. São, portanto, pontos de vista diferentes sobre o homem e sua linguagem e que produziram teorias e métodos diferentes de exame da linguagem, de sua descrição e explicação. Os estudos do texto e do discurso, e entre eles os semióticos, foram em geral considerados como pertencentes à segunda perspectiva, à da língua em uso.

Atualmente, porém, com os desenvolvimentos da vertente tensiva da semiótica, que dialoga mais fortemente com os estudos cognitivos, a semiótica

francesa pode, quem sabe, ser colocada nas duas perspectivas: de um lado, estão os estudos mais preocupados com as estruturas cognitivas e perceptivas do homem; do outro, os estudos mais voltados para o homem na sociedade e na cultura. É possível, dessa forma, que a semiótica francesa venha a ser o quadro teórico em que se examinem, sempre mantendo o rumo do projeto coletivo em construção, as duas questões complementares. A semiótica na América do Sul tem estabelecido e atingido, assim, dois grandes objetivos: o de contribuir para o conhecimento da linguagem, por meio da língua e de seus discursos e, pela linguagem, do homem, ou seja, para o conhecimento discursivo do homem como ser social e cultural e também de suas estruturas cognitivas; a de concorrer para o desenvolvimento teórico e metodológico da disciplina.

Por isso mesmo, a manutenção do “rumo” pelas retomadas, recuperações e desenvolvimentos teóricos e metodológicos mencionados acarreta também mudanças de objeto, de extensão de aplicação da teoria: da análise inicial de certo tipo de texto – verbal, de “ação”, figurativo e da “pequena literatura” (folclore, etc.), passou-se a textos não verbais, sincréticos, figurativos ou temáticos, poéticos (de arte, em geral, de canções, de música), científicos, etc., enfim, a qualquer tipo de texto. Os estudos semióticos na América do Sul contribuíram enormemente para esse alargamento dos objetos, já que houve, sempre, nesses países, a preocupação em descrever e explicar os mais diferentes discursos da sociedade e da cultura. Ao mesmo tempo, porém, mantiveram como uma de suas linhas de força, o exame dos textos da etnoliteratura, da cultura popular, dos mitos e da comunicação de massas, hoje efetuado, contudo, com os avanços teóricos e metodológicos acima apontados.

Resultam daí os grandes desenvolvimentos no exame semiótico dos discursos poéticos em geral, e dos literários em particular, dos discursos da canção, dos discursos das gramáticas e dicionários, dos discursos didáticos e pedagógicos, dos discursos da crítica de arte (ver Lúcia Teixeira, entre outros, no Brasil), dos discursos publicitários e das mídias em geral, dos discursos intolerantes e preconceituosos, dos discursos de comunicação social e de massa, dos discursos míticos (José Enrique Finol, por exemplo, na Venezuela, E. Ballón, no Peru, Edward Lopes e Eduardo Peñuela Cañizal, no Brasil), dos discursos psicanalíticos (no Brasil, deve-se mencionar sobretudo Waldir Bevidas), dos discursos políticos (por exemplo, José Luiz Fiorin, sobre o discurso dos presidentes do regime militar de 1964, no Brasil; Oriana de Nadai Fulaneti,

sobre os discursos da esquerda armada no Brasil; Alexandre Marcelo Bueno, sobre os discursos a respeito dos imigrantes no Brasil; Óscar Quezada, sobre a sacralização, por meio da retórica bíblica, da ação política do governo militar no Peru), dos discursos sociais sobre os negros e os índios (no Brasil, Rita Pacheco Limberti, mas sobretudo no Peru, na Argentina e no Chile: na Argentina, Dalmaso e Mosejko; no Peru, Ballón e Campodónico, entre muitos outros), dos discursos religiosos, sobretudo das novas religiões que nesses países se desenvolveram enormemente (no Brasil, José Carlos Jadon, Sueli Maria Ramos da Silva e Jairo Postal), sobre os discursos da memória (na Argentina, Ana Camblong; no Brasil, Mariana Luz Pessoa de Barros) e assim por diante.

Na Apresentação de *Fronteras de la semiótica. Homenaje a Desiderio Blanco*, Óscar Quezada mostra quatro linhas de força do livro, que se aproximam dos rumos da semiótica que apontamos: a tensividade discursiva, o nível sensível do discurso, a preocupação sociosemiótica e o aspecto estético dos textos.

Em síntese, a semiótica discursiva francesa na América do Sul desenvolveu-se e retomou-se, mas conservou o rumo, pois a mudança de direção, que não seja para manter o rumo, cria outra teoria, outro paradigma, com outros objetos e métodos. Continuamos, na América do Sul, desenvolvendo um projeto coletivo em construção, mantendo-nos “no trajeto da esperança”, como diz o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, no poema *Mudança*:

O que muda na mudança
Se tudo em volta é uma dança,
No trajeto da esperança,
Junto ao que nunca se alcança?

O dicionário aponta como primeiras acepções de rumo os espaços em que se divide a rosa-dos-ventos e, portanto, a da direção na navegação. Essa relação com a navegação e o mar tem origem na etimologia do espanhol *rumbo* – encantamento, fama, prestígio, ostentação, pompa –, pois os espaços da rosa-dos-ventos dividiam o horizonte e tinham uma figura de bronze usada nos encantamentos. Os rumos são, assim, mágicos, míticos, da ciência ou dos projetos de ciência, da sociedade, da semiótica. E procuramos segui-los todos.

3. Papéis dos estudos semióticos

Em trabalhos diversos, apontamos o fato de que os diferentes estudos do texto e do discurso trouxeram novas posturas e objeto aos estudos da linguagem a partir da segunda metade do século 20, e de que o fizeram com fundamentos diferentes, em quadros teóricos diversos. Insistimos, porém, em que há um ponto de vista comum a tais estudos: eles ocupam o espaço vazio entre posições bem definidas e separadas pelos estudos linguísticos anteriores (língua *vs.* fala, competência *vs.* performance, enunciação *vs.* enunciado, linguístico *vs.* extralinguístico). Ao tratar assim, e ao mesmo tempo, do social e do individual, da argumentação e da informação, da intersubjetividade e da subjetividade, da organização do discurso e do dialogismo, esses estudos ocasionaram mudança de posicionamento nos estudos da linguagem e atribuíram novos papéis a tais estudos, além daqueles que foram acima mencionados. Pelo fato de ocuparem o lugar instável do “vão” entre pontos bem estabelecidos, os estudos do texto e do discurso, e os semióticos entre eles, abrem-se mais aos diálogos com outras teorias e favorecem o alargamento de seu objeto. Os estudos da linguagem, graças aos do discurso, caminham assim para a multidisciplinaridade e para o exame de outras linguagens, além da verbal. A perspectiva do diálogo multidisciplinar aqui apresentada não é a da soma de teorias, mas a da retomada do diálogo teórico em um quadro solidamente estabelecido, como é hoje o da semiótica discursiva.

Dessa forma, os estudos do discurso tiveram e têm um papel digno de nota entre os estudos linguísticos, pois romperam com a tradição de estabilidade desses estudos e recuperaram a instabilidade própria da linguagem, e, com isso, estabeleceram ou retomaram diálogos com outras disciplinas e campos do conhecimento. Bakhtin (1970, 1981), em seus escritos, distingue as ciências humanas das ciências exatas e biológicas pela relação com o texto. Para o autor, as ciências humanas estudam o homem no texto, enquanto as exatas e biológicas o examinam fora do texto. Entende-se com isso o papel privilegiado dos estudos semióticos, e de outros estudos do discurso e do texto, para o estabelecimento de diálogos fecundos entre a linguística e a retórica, a teoria e a crítica literária, os estudos de comunicação e de marketing, a antropologia, a história, a sociologia, e muitas outras áreas e disciplinas.

A teoria semiótica do discurso ao examinar o plano do conteúdo dos textos e ao ir além da dimensão da frase apresenta uma proposta mais geral e

abrangente da linguagem, que pode manter diálogos muito produtivos com outros estudos linguísticos, e que conduz os estudos da linguagem a novos ou renovados diálogos com outras disciplinas.

Serão examinados quatro diálogos multidisciplinares bastante favorecidos pelos estudos semióticos do discurso no Brasil e nos demais países da América Latina: estudos semióticos e outros estudos linguísticos; estudos semióticos e estudos estilísticos e retóricos; estudos semióticos e estudos literários; estudos semióticos e estudos de comunicação, marketing, publicidade. Foram já bastante mencionados os diálogos com a antropologia, a sociologia e a história, nos estudos de etnossemiótica, sociossemiótica, semiótica e história, semiótica e sociedade, semiótica e política, semiótica e cultura, que constituem, realmente, uma das características mais marcantes da semiótica na América do Sul.

3.1. Estudos semióticos e outros estudos linguísticos

Se a semiótica discursiva de linha francesa tem como um de seus veios de origem as teorias linguísticas, em especial, os trabalhos de L. Hjelmslev (1968), os diálogos atuais entre a semiótica e a linguística, ao contrário dos fundadores, tomam caminhos diferentes, e não apenas o de mão única dos estudos linguísticos aos semióticos, e isso se deve, em boa parte, aos estudos semióticos da enunciação. Esses diálogos com os estudos linguísticos são fundamentais na América do Sul, e em especial no Brasil, em que a semiótica discursiva é, em geral, institucionalizada em departamentos e centros de estudos linguísticos.

Além de fornecer, como uma teoria do discurso, princípios teóricos e metodológicos para os estudos da linguagem que se debruçam sobre os discursos, como é o caso, entre outros, dos estudos sobre as ideias linguísticas, em que, por exemplo, gramáticas e dicionários são examinados como discursos, ou dos estudos sobre a intolerância e o preconceito linguísticos, a partir dos diferentes discursos preconceituosos e intolerantes, a semiótica dá, atualmente, como contribuição efetiva para o estudo da linguagem, as reelaborações e revisões semióticas de conceitos, categorias, procedimentos que participam da construção dos sentidos do texto e que foram, muitos deles, inicialmente desenvolvidos e estabelecidos no âmbito dos estudos linguísticos. É o caso, entre outros, dos estudos de pessoa, tempo e espaço do discurso e de sua aspectualização, ou dos de modalização de enunciados. A grande contribuição da semiótica é a de dar a tais procedimentos e categorias (tempo, espaço, pessoa, aspecto, etc.) descrição e explicação geral e

independente das particularidades das línguas e dos demais sistemas de significação. Isso permite, portanto, que as especificidades de cada língua e de cada sistema de significação sejam tratadas em um mesmo quadro teórico e metodológico, e possam, assim, ser comparadas.

Dessa forma, por exemplo, os estudos semióticos sobre as pessoas, os tempos e os espaços do discurso (as categorias dêiticas) mostram que há dois tipos mais gerais de organização dessas categorias: a que produz, nos discursos, efeitos de aproximação da enunciação e a que cria efeitos de distanciamento. Esses efeitos de sentido dos discursos decorrem dos modos diversos pelos quais a instância da enunciação projeta e produz seu texto-enunciado. As estratégias são, nos textos verbais, principalmente as de escolha das categorias enunciativas de pessoa, de tempo e de espaço desses textos-enunciados. A partir daí, os dois tipos de discursos acima mencionados podem ser distinguidos: os projetados em primeira (e segunda) pessoa, no tempo do “agora” e no espaço do “aqui”, que caracterizam uma enunciação enunciada, e os organizados em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”, que são ditos enunciados enunciados. Os discursos do primeiro tipo (enunciação enunciada) produzem, geralmente, efeitos de sentido de aproximação da enunciação e de relação dialógica entre sujeitos, pois se apresentam como simulacros da enunciação, e podem ser considerados como de interação plena ou perfeita. Os discursos do segundo tipo (enunciado enunciado) criam, por sua vez, os efeitos de distanciamento da enunciação e de “monologismo” ou autoritarismo das verdades “únicas” e “objetivas”, em que os fatos se contam por si mesmos, sem a interferência de um *eu* e sem se dirigirem a um *você* ou a um *tu*. Constroem, por conseguinte, interações com efeitos de objetividade e, predominantemente, com efeitos racionais ou intelectuais.

A partir desses procedimentos mais gerais podem ser previstas combinatórias e rupturas diversas – substituir uma aproximação por um distanciamento e assim por diante – e indicados os lugares que ocupam, nesse modelo mais abrangente, o presente do indicativo do português, o *passé simple* do francês, o emprego do *eu* e o do *você* nos textos verbais, o uso da focalização pela câmera, no cinema e na televisão, ou a gestualidade representada na pintura e na fotografia, entre outros.

Nos textos literários, por exemplo, se destaca a questão do jogo das projeções das categorias de pessoa, de tempo e de espaço, que, exacerbado, tem

caracterizado boa parte da literatura contemporânea, sobretudo na América Latina.

A organização enunciativa de textos verbais, visuais e sincréticos da publicidade e do marketing mostra, também, a importância de uma proposta geral sobre a enunciação que permita o exame das estratégias enunciativas em diferentes tipos de texto, com diferentes substâncias da expressão. No caso de anúncios publicitários de bancos, que examinamos, em outros estudos (Barros, 2002 e 2010), como os anúncios são textos sincréticos, em que a expressão é tanto verbal quanto visual, não são apenas os diferentes pronomes marcadores da pessoa na língua que produzem os efeitos de aproximação e distanciamento da enunciação ou de objetividade e subjetividade já mencionados. Há outros recursos – topológicos, de localização no espaço, de dimensão, de focalização, de relações de cores e de formas, de gestualidade – que constroem esses efeitos. Os procedimentos verbais, visuais e gestuais que organizam a enunciação desses textos podem ser analisados com os mesmos princípios teóricos e metodológicos (BARROS, 2010), pois, há, por exemplo, na comunicação gestual entre enunciador e enunciatário ou entre narrador e narratário, gestos “em primeira pessoa” e gestos “em terceira pessoa”, e a gestualidade estabelece também o contexto temporal e espacial da situação de comunicação. Pelo olhar, pelo movimento da cabeça e das mãos, principalmente, o destinador do anúncio comunica-se diretamente ou indiretamente com seu destinatário. Além disso, as várias escolhas das pessoas do discurso, da focalização, das cores e da gestualidade nos anúncios mostram que esses procedimentos contribuem ainda para a construção das identidades dos bancos anunciantes.

O exame das relações enunciativas como relações de manipulação, comunicação e interação estabelecidas por estratégias e procedimentos discursivos e textuais permite, portanto, que se analisem, num mesmo quadro teórico, procedimentos discursivos aparentemente tão diferentes, como as pessoas do discurso e os gestos das mãos, do corpo, do olhar. Além disso, integram-se numa teoria geral do discurso, questões retóricas da argumentação, questões de persuasão no marketing e na publicidade, e renovam-se os diálogos dos estudos linguísticos, graças aos semióticos, com a retórica e com os estudos de comunicação e *marketing*, e abrem-se novos caminhos para o exame dos textos científicos, políticos, publicitários, entre outros. Do caráter acentuado desses diálogos na América do Sul, decorreram inúmeros trabalhos teóricos e de análise,

alguns já mencionados, sobre a enunciação, sobre a história das ideias linguísticas na América do Sul, sobre o uso da semiótica na educação, sobre leitura e escrita, que contribuíram para a inserção dos estudos semióticos entre os estudos linguísticos nas instituições, para o conhecimento das ideias sobre linguagem e do papel dos estudos da linguagem nesses países, para a formação semiótica e linguística de leitores. São citados, a seguir, alguns estudiosos, sem preocupação de dar conta de todos eles, que são muitos. Sobre a enunciação, foram já mencionados, José Luiz Fiorin (no Brasil), Teresa Espar (na Venezuela), Danuta Teresa Mozejko (na Argentina) e Óscar Quezada (no Peru); sobre as ideias linguísticas, Maria da Graça Krieger e Diana Luz Pessoa de Barros (no Brasil), e E. Ballón (no Peru); sobre semiótica e educação, Ana María Camblong, Liliana Daviña, María Carrtini, Carmen Schiavo, Pedro O. Silva, Marcelino García, entre outros da Universidade de Missões, na Argentina, com projetos de alfabetização intercultural, de alfabetização semiótica e de ensino de leitura. Fazemos agora referência aos estudos, no Brasil, de Renata Marchezan, sobre actualização discursiva, de Lúcia Teixeira, sobre a enunciação na pintura, de Arnaldo Cortina, sobre a história da leitura e dos leitores no Brasil, de Gláucia Muniz Proença Lara sobre o discurso dos manuais didáticos, de Ivã Carlos Lopes, sobre a epistemologia das ciências da linguagem, de Loredana Limoli, de Jean Cristtus Portela, de Iara Rosa Farias e de Marcelo Machado Martins, sobre semiótica e ensino.

3.2. Estudos semióticos e estudos retóricos

Os estudos retóricos estão sendo mais recentemente aproveitados em duas direções distintas: há pesquisadores, como Ch. Perelman e L. Obbrechts-Tyteca (1970), que procuram reabilitar a retórica aristotélica, abafada, segundo eles, por três séculos de cartesianismo, e que desenvolveram, a partir dela, uma teoria da argumentação ou uma “nova retórica”; outros, como o Grupo *u*, esforçam-se por rever as figuras de retórica à luz das teorias linguísticas e discursivas. A esses esforços somam-se outros, que reexaminam a argumentação e as figuras retóricas no quadro das teorias gerais do texto e do discurso, como é o caso da teoria semiótica discursiva. Conforme mencionado nos itens anteriores, os diálogos entre semiótica e retórica e entre semiótica e literatura têm sido uma das preocupações dos estudos semióticos na América do Sul, e em especial no Brasil e no Peru, voltados para o tratamento das questões discursivas de persuasão e

argumentação, para a construção da identidade ou do *éthos* do enunciador e do narrador e para o exame das figuras de conteúdo e de expressão. Os estudos semióticos da enunciação desenvolveram-se tanto com o exame das categorias de tempo, de espaço e de pessoa que produzem, tal como já observado, efeitos de proximidade e de distanciamento da enunciação, quanto com o estudo das relações narratológicas que se estabelecem entre enunciação e enunciado e entre enunciador e enunciatário. Nesse caso, a enunciação é concebida como um “espetáculo” que se organiza narrativamente.

O sujeito da enunciação cumpre dois papéis narrativos: o de sujeito pragmático da ação de criar o texto, seu objeto, como “casa sintática” de seus valores, crenças e aspirações; o de destinador, que instala no discurso seu destinatário, ou seja, em que a enunciação se desdobra em enunciador e enunciatário, cabendo ao enunciador exercer o fazer persuasivo por meio das estratégias e procedimentos do texto, para convencer o enunciatário a aceitar seus valores e crenças e a agir de acordo com eles, e ao enunciatário realizar o fazer interpretativo e, a partir dessa interpretação, acreditar ou não e aceitar ou não o contrato que lhe está sendo proposto. A semiótica desenvolveu, para tanto, uma sintaxe modal, examinou o funcionamento da manipulação, da comunicação e da interação, sempre fortemente inter-relacionadas, e desenvolveu os conceitos de contrato fiduciário, que gerencia as relações entre destinador e destinatário dos textos, e de simulacros entre eles, que determinam a intersubjetividade. Dessa forma, com o exame das relações enunciativas como relações de manipulação, comunicação e interação estabelecidas por estratégias e procedimentos discursivos e textuais, integram-se, numa teoria geral do discurso, as questões retóricas da argumentação e abrem-se novos caminhos para o exame dos textos científicos, políticos, entre outros, conforme vimos acontecer nos estudos semióticos na América do Sul acima mencionados.

Além disso, no segundo tipo de diálogo entre semiótica e retórica acima proposto, o sujeito da enunciação tal como se acabou de definir, ao construir seu texto, constrói-se como um ator da enunciação, preenchido por crenças e valores, modos de ser e de fazer. Em outras palavras, ele fabrica, a partir dos procedimentos do texto, sua identidade, seu *éthos*. Se, com base na análise de um único texto, é difícil diferenciar a identidade do enunciador da do narrador instalado ou implícito no texto, a observação de um conjunto de textos separará o *éthos* do enunciador do narrador. Vejam-se, no Brasil, os estudos de Discini (2002; 2003) e de Fiorin (2004) sobre o *éthos*, na perspectiva semiótica.

Finalmente, os estudos semióticos dialogam, em dois momentos, com a retórica das figuras.

Em primeiro lugar, a semiótica desenvolveu os estudos sobre as figuras utilizando os conceitos de *isotopia*, de *tematização* e de *figurativização*. Os temas, abstratos, disseminam-se pelo texto em percursos que podem ser “concretizados” sensorialmente pelo procedimento de figurativização. A reiteração discursiva dos temas e a redundância das figuras espalhadas na dimensão total do discurso denominam-se *isotopia*. A isotopia assegura a linha sintagmática do discurso e responde por sua coerência semântica. Distinguem-se dois tipos de isotopia, segundo as unidades semânticas reiteradas: isotopia temática e isotopia figurativa. As relações entre os percursos ou isotopias temáticas e figurativas são já alguns dos elementos retóricos dos discursos, mas, além disso, como um discurso pode ter mais de uma leitura, as relações verticais que se estabelecem entre essas isotopias são metáforas ou metonímias de texto inteiro. As figuras de retórica deixam, assim, de ser figuras de “palavras”, para ser retomadas, no âmbito da semiótica discursiva, como *figuras de discurso*.

Em segundo lugar, a semiótica trata também das figuras do plano da expressão, ou seja, das que se formam nas relações entre expressão e conteúdo. Para ela, essas relações novas entre expressão e conteúdo decorrem dos sistemas simbólicos e semissimbólicos, que podem intervir nos textos “poéticos” de qualquer tipo (poesia e outros textos literários, balé, pintura, fotografia, etc.) e que têm por função desfazer a relação já estabelecida entre o texto e a “realidade”, e estabelecer novas perspectivas susceptíveis de refundir ou de refazer o “real”, de destituir o senso comum de seu monopólio de verdade, e, ao fazê-lo, de instalar, em seu lugar, a verdade textual de um mundo sensorial, corporal – formado de sons, cores, formas, cheiros – redesenhado pelo texto.

O conceito de semissimbolismo assinala, em semiótica, a relação entre uma categoria (uma relação) da expressão e uma categoria do conteúdo e diferencia-se, assim, dos sistemas simbólicos de Hjelsmelv, em que há relação termo a termo entre expressão e conteúdo. Os dois tipos de sistemas criam relações “motivadas” entre expressão e conteúdo, são fortemente sensoriais e corporais, e estão fundamentados sobre a tensividade que sobredetermina os termos dos dois planos. Nos sistemas simbólicos, a relação entre expressão e conteúdo é culturalmente determinada e perpassa diferentes textos, como a relação entre *vermelho* e *paixão*, por exemplo. Já nos sistemas semissimbólicos,

põe-se em xeque, em um texto determinado, nosso modo culturalmente estabelecido de sentir e de conhecer o mundo e cria-se nova verdade e outra sensação desse mundo, em que, por exemplo, a claridade e as formas agudas ligam-se à vida, e a obscuridade e as formas arredondadas à morte. O mundo é refeito, sobretudo na dimensão do sensível, pelo texto que constrói os semissimbolismos.

Essas figuras da expressão – simbolismos e semissimbolismos – são diferentes das figuras do conteúdo, anteriormente citadas: as figuras do conteúdo produzem os efeitos de sentido de uma sensorialidade “de papel”, de “linguagem”; as figuras da expressão estabelecem relações sensoriais novas entre a expressão e o conteúdo, e criam efeitos de leitura do mundo, entre a novidade e a estereotipia cultural. Preocupados com os discursos sociais, os semioticistas da América do Sul têm trabalhado bastante nessas direções para determinar traços e estereótipos culturais e novidade poética e estética, como mostramos, com insistência, em nossas considerações sobre os rumos da metodologia e dos objetos semióticos na América do Sul.

3.3. Estudos do discurso e estudos literários

Estamos convencidas de que as relações, sempre mencionadas, entre língua e literatura passam pelos estudos do discurso, dos mais diversos tipos, de que há uma grande zona de intersecção entre a análise do texto e do discurso e o exame da literatura (BARROS, 2004) e de que na América do Sul, apesar das dificuldades de política acadêmica encontradas nessas relações, ainda tem sido mais fácil romper as separações rígidas entre os diferentes tipos e objetos dos estudos da linguagem, do que em outros lugares e instituições mais tradicionalmente estabelecidas. E a semiótica discursiva contribuiu sempre para que essa aproximação se realizasse.

O texto literário é um texto entre outros, sem dúvida em posição de destaque, por razões variadas. É, portanto, imprescindível para tratar do texto literário ter por base uma teoria geral de análise do discurso, como a semiótica. Já é consensual hoje que muitos dos fatos e procedimentos discursivos outrora considerados específicos do objeto literário encontram-se em outros tipos de discurso. O abandono em que se achavam, até os anos 60, os estudos das diferentes manifestações textuais, em oposição ao sempre grande e prestigiado desenvolvimento da teoria e análise literárias, permitiu conclusões às vezes

apressadas. No estágio atual das pesquisas sobre o discurso, não é possível determinar a especificidade do literário do ponto de vista linguístico e discursivo, a não ser, quem sabe, pela organização do plano da expressão e pela forma peculiar de sua inserção na cultura, na sociedade, na história. Esses dois aspectos, o da organização da expressão e o das relações com o “extra-lingüístico” são fundamentais no exame da literatura e nos levam a dizer que para examinar a literatura é preciso saber *ler textos*, *ler contextos* e, quem sabe, *ler pretextos*.

Partindo da perspectiva de que, para *ler textos*, precisa-se de uma teoria do discurso, no caso, semiótica, que sustente a leitura, nos vários países da América do Sul foram desenvolvidos estudos semióticos do texto literário. Esses estudos mostraram que não se pode determinar o caráter “literário” ou “poético” de um texto por um único elemento ou em um único nível de descrição ou ainda a partir do exame das estruturas narrativas ou das elaborações discursivas, tomadas separadamente, mas que a consideração das relações que integram os diferentes níveis, aí incluídos os procedimentos do plano da expressão e as relações intertextuais (contextuais), pode levar a distinguirem-se discursos poéticos, entre os quais se inclui o literário, dos não-poéticos. Procedimentos diversos, nos diferentes níveis, produzem efeitos de poeticidade pela passagem da univocidade à ambivalência (quase mítica) ou pela negação dos pólos diferentes, isto é, pela passagem à continuidade, após a ruptura (continuidade das similaridades, no dizer de Jakobson), que os diferentes estudos mostraram ocorrer nos textos que empregam, entre outros, procedimentos de ambiguidade narrativa, jogos enunciativos de projeção de pessoa, tempo e espaço, que produzem os efeitos de perspectivas múltiplas ou polifônicas e não de escolha discreta ou descontínua de uma única voz, momento ou lugar, organização pluri-isotópica do discurso, e, sobretudo, recursos da expressão – do semissimbolismo –, em que o sensorial faz sua aparição também no plano dos significantes. Esses procedimentos asseguram a relação, principalmente, sensorial e corporal, prazerosa entre o sujeito e o texto poético, e têm sido bastante examinados pela semiótica do poético, do estético, do literário que se pratica na América do Sul.

Há um crescendo de “poeticidade”, da narrativa ao texto (com as organizações semissimbólicas da expressão), passando pelo discurso. Os inúmeros semioticistas, que na América do Sul se preocuparam com o poético, o literário, o estético, além das contribuições teóricas e metodológicas que mencionamos, procuraram examinar os textos dos escritores, poetas, pintores,

fotógrafos, cineastas, cancionistas, músicos e outros, que constroem a sociedade e a cultura sul-americanas.

3.4. Estudos do discurso e estudos de comunicação, marketing e publicidade

Para examinar os textos de comunicação, *marketing* e publicidade, na perspectiva da semiótica discursiva, deve-se considerar, como questão primeira, que o enunciador e o enunciatário desses textos mantêm entre si relação de comunicação e interação e analisar essas relações com uma teoria narrativa.

É preciso lembrar que, ao contrário do que ocorre nas relações entre máquinas, na comunicação entre homens, os sujeitos envolvidos não são lugares vazios, e sim casas cheias: de valores, de projetos, de aspirações, de desejos, de modos diferentes de ver o mundo. Com base nesses elementos, procura-se, em toda relação de comunicação convencer o outro de alguma coisa, persuadi-lo, levá-lo a acreditar em algo, a experimentar e a sentir algo e a fazer o que se quer que ele faça. Além disso, a teoria semiótica mostra que toda comunicação é uma forma de manipulação, e que são utilizados pelo destinatário diferentes modos de persuasão, agrupados em quatro grandes tipos: tentação, intimidação, sedução e provocação. Para que a manipulação funcione é preciso ainda que o destinatário manipulado interprete a persuasão do outro, acredite no destinatário e faça o que dele se espera. A comunicação depende, assim, da interpretação do destinatário, com base em seus valores, crenças, sentimentos, emoções. Diferentes estratégias de comunicação são, portanto, empregadas, conforme variem o público, a sociedade e a época. Os que trabalham com *marketing* sabem muito bem disso. E os semioticistas também.

O diálogo entre a semiótica (e os demais estudos da linguagem) e os estudos de comunicação e marketing tem dois objetivos claros:

- de um lado, objetivos de *marketing* e publicitários, isto é, saber como melhor persuadir os destinatários da comunicação (nesse caso, diz Jean-Marie Floch, os estudos de semiótica podem influenciar a produção dos discursos do *marketing*, oferecer alguma competência aos que atuam concretamente no campo da comunicação);
- de outro, objetivos mais gerais de estudos da linguagem e dos discursos, quais sejam o de saber mais sobre esses discursos e seus procedimentos, e, além disso, como esses discursos constituem o lugar privilegiado de

apreensão das mitologias de nosso tempo, de conhecimento de nossa época e cultura, e de nossos valores, o de saber mais sobre a sociedade e a cultura em que circulam.

Conforme foi mencionado, os estudos semióticos da comunicação social foram e continuam a ser muito desenvolvidos na América do Sul. Em muitos países, a Semiótica está institucionalmente ligada aos Cursos de Comunicação, e não aos de Letras ou Linguística. Mas, mesmo naqueles em que ela está preferencialmente relacionada com Letras e Linguística, como é o caso do Brasil, o trabalho com os discursos da comunicação e as relações institucionais com essa área também se destacam.

Os estudos semióticos trazem, na América do Sul, contribuição inegável aos estudos da comunicação, da publicidade e do *marketing*, ainda que nem sempre isso seja bem aceito nas áreas de comunicação. No Peru, por exemplo, Óscar Quezada considera que as resistências à penetração da semiótica no campo da comunicação social foram bem maiores do que as que ocorreram por ocasião da inserção da disciplina nas áreas de literatura e linguística. Os que se opõem a uma semiótica da comunicação separam, rigidamente, como se isso fosse possível, os estudos da significação dos da comunicação.

Serão citados, entre muitos outros, alguns semioticistas que, na América do Sul, ajudaram a implantar e desenvolveram uma semiótica da comunicação, com preocupações muito diversas: semiótica da imagem ou do visual, comunicação visual, fotografia (G. Dañino, no Peru; Valmore Agelvis, na Venezuela; Kati Eliana Caetano, Ana Cláudia de Oliveira, Elizabeth Bastos Duarte e Antonio Vicente Pietroforte, no Brasil); discurso cinematográfico, audiovisual e televisivo (Desidério Blanco e Raúl Bendezú, no Peru; Frank Baíz, na Venezuela; Eduardo Peñuela Cañizal, Ana Maria Balogh, Waldir Bevidas, Yvana Fachine, Odair José Moreira da Silva, no Brasil); discurso publicitário e semiótica e *marketing* (Paulo Eduardo Lopes, Ricardo Nogueira de Castro Monteiro, Ana Cláudia de Oliveira, Diana Luz Pessoa de Barros, Nilton Hernandez, Luís Alexandre Grubits Pessôa, no Brasil; G. Dañino e Óscar Quezada, no Peru; Lourdes Cabeza e Julian Cabeza, na Venezuela); discurso das mídias e estética das mídias (Kati Eliana Caetano, Nilton Hernandez e Jean Cristtus Portela, no Brasil, Óscar Quezada, no Peru); discursos da cibercultura (Lúcia Teixeira, Renata Mancini, Regina Souza Gomes, no Brasil).

Considerações finais

Se os semioticistas do Brasil e de outros países da América Latina têm procurado cumprir seus múltiplos papéis e dado contribuição para que a teoria semiótica avance e para que se conheça um pouco melhor a sociedade sul-americana, há ainda muito a ser feito. Por que apenas os historiadores devem falar dos “heróis nacionais” ou os sociólogos, dos sem-terra? Há outra perspectiva, outro ponto de vista, outro objeto, portanto, como diria Sausurre, construído pelos semioticistas no exame dos discursos dos sem-terra ou sobre eles, do separatismo ou do racismo. E só o semioticista ou outro estudioso do discurso pode dar conta de descrever e explicar esse novo objeto.

Procuramos, neste artigo, mostrar os rumos e os papéis da semiótica discursiva na América do Sul, em especial no Brasil, que conhecemos melhor. Apontamos os diálogos com outros estudos da linguagem que mais caracterizam a semiótica na América do Sul, e os objetos novos de que se ocupa, sempre procurando contribuir para o conhecimento da cultura e da sociedade de cada país. E os semioticistas têm conseguido isso ao assumirem novas direções, ao contribuírem para o desenvolvimento teórico e metodológico da semiótica, sempre no “rumo”. Os estudos que desenvolvem na América do Sul têm as especificidades que já apontamos e que a seguir sintetizamos. A semiótica na América do Sul caracteriza-se:

- pela formação em semiótica que tem dado aos estudantes de diferentes áreas, mas, sobretudo, de linguística, literatura, comunicação social e artes, capacitando, assim, uma boa quantidade de jovens semioticistas;
- pela institucionalização da semiótica discursiva como disciplina universitária, o que favorece a pesquisa e a formação acima mencionada;
- pela busca de desenvolvimentos teóricos e metodológicos, que possam dar algumas respostas aos desafios de uma sociedade multilíngue e pluricultural, ou seja, de uma sociedade da “mistura”, e não da “triagem” (ZILBERBERG, 2007), de uma sociedade mestiça e que tem a mestiçagem como patrimônio;
- pela contribuição teórica que, nesse ir e vir entre teoria e prática, tem podido dar à comunidade semiótica internacional, deixando, assim, os estudos semióticos da América do Sul de ser periféricos, para integrarem, de pleno direito, uma Semiótica maiúscula;

- pelo exame dos discursos sociais e culturais da América do Sul, com forte desenvolvimento da etnossemiótica e da sociosemiótica, mesmo que esses nomes não sejam usados, em busca de definições, de identidade, de formas de representação, de sentido enfim;
- pelas contribuições inegáveis que a semiótica discursiva trouxe, na América do Sul e em particular no Brasil, aos estudos da linguagem, recriando diálogos promissores com outras disciplinas ou estabelecendo novos diálogos, conforme foi mencionado.

Quem sabe os traços mais marcantes da semiótica que se faz no Brasil na América Latina sejam o não ter medo de enveredar por caminhos, ou desvios, diversos e pouco seguros, o de manter a preocupação com a sociedade, a cultura e a história e o de procurar estar no centro dos diálogos que constroem os estudos da linguagem, o homem e a sociedade. E sem perder o rumo.

Mencionamos alguns estudiosos e tantos outros não foram citados. Era impossível falar de todos neste artigo, sob o risco de mudarmos de gênero discursivo e passarmos à elaboração de uma lista, do tipo de um catálogo telefônico. Todos eles, porém, claramente mencionados ou apenas antevistos, deram sua contribuição aos estudos semióticos na América do Sul e à semiótica sempre em construção.

Notas

¹ Uma versão aproximada deste texto será publicada em francês, na Revista belga *Signata*.

² Queremos agradecer aos nossos amigos, os professores Alexandra Alvarez Murro e Valmore Agelvis, pelas informações que nos deram sobre a semiótica na Venezuela.

Referências bibliográficas

ASSIS SILVA, Ignácio. *Figurativização e Metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

ASSIS SILVA, Ignácio. *Corpo e Sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

BALLÓN AGUIRRE, Enrique. *Vallejo como paradigma (un caso especial de escritura)*. Tesis de Doctor en Literatura, Lima, 1971.

BAKTHIN, Mikhail. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970.

BAKTHIN, Mikhail. *Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

BALLÓN AGUIRRE, Enrique. Linguas, literaturas y discursos: la multiglosia peruana. In: YEPES, E. (Org.). *Estudios de Historia de la Ciencia en el Perú*. Lima: Consejo Nacional de Ciencias y Tecnología, Sociedad Peruana de Historia de la Ciencia y la Tecnología, 1986. p.1-39.

BALLÓN AGUIRRE, Enrique. La semiótica en el Perú. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, n. 11, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso*. Fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Os discursos do Descobrimento*. 500 e mais anos de discursos. São Paulo: FAPESP/Edusp, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, D. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002. p.17-44.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Língua, literatura e ensino na perspectiva do discurso. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 33-40, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso da norma nas gramáticas portuguesas do século XVI. *Estudios Portugueses*, v. 5, p. 11-24, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Rumos da Semiótica. *Revista Todas as Letras*, v. 9, p. 12-23, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O papel dos estudos do discurso. In: DA HORA, Demerval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. (Org.). *ABRALIN - 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p.118-154.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Os sentidos da gestualidade: transposição e representação gestual. *CASA*, v. 8, p. 5-25, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância*. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; ESPAR, Teresa (Org.). *Greimas en América Latina: bifurcaciones, Perfiles Semióticos*, n. 1. Merida: Universidad de los Andes, Ediciones del Rectorado, 2003.

BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum*. Psicanálise, Semiótica, Ciência, Estrutura. São Paulo: Humanitas, 2000.

BEIVIDAS, Waldir. *Semióticas sincréticas (o cinema)*. Posições. Rio de Janeiro: Edição

particular *on line*, 2006.

BENDEZÚ, Raúl. El diagnóstico semiótico en la planificación estratégica de comunicaciones de marketing. In: QUEZADA, Ó. (Org.) *Fronteras de la semiótica*. Homenaje a Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima - Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 281-296.

BLANCO, Desidério. *Imagen por imagen*. Teoría y crítica cinematográfica. Lima: Universidad de Lima, 1987.

BLANCO, Desidério; BUENO, Raúl. *Metodología del Análisis Semiótico*. Lima: Universidad de Lima, 1980.

BUENO, Raúl. Mediaciones transculturales: traducciones. In: REIS, Livia; FIGUEREIDO, Eurídice (Org.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2011. p. 65-81.

CABEZA, Julian. *Publicidad y Discurso*. Maracaibo: Publicaciones de la Facultad de Ciencias de la Universidad del Zulia, 1989.

CAETANO, Kati. *A prática da análise de discursos: literatura e sociedade*. Campo Grande: EDUFMS, 1997.

CAETANO, Kati. Presenças do sensível nos processos interacionais. São Paulo, *Galáxia*, v. 2, p. 12-24, 2011.

CAMPODÓNICO, Hermis. Taxinomies paysannes: problématique sémiotique. In: PARRET, Herman; RUPRECHT, Hans-George (Org.). *Exigences et perspectives de la sémiotique*. Recueil d'hommages pour A. J. Greimas. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1985. p. 423-433.

CARRIÓN-WAM, Roque. Elementos de Semiótica Jurídica, *Anuário*, p. 260-320, 1977.

CORTINA, Arnaldo; BAQUIÃO, Rubens César; MARCHEZAN, Renata (Org.). *A abordagem dos afetos em semiótica*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial, 2004.

CORTINA, Arnaldo. *O príncipe de Maquiavel e seus leitores: uma investigação sobre o processo de leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

DALMASSO, María Teresa. *¿Qué imagen? ¿Qué mundo?* Córdoba: Dirección General de Publicaciones, UNC, 1994.

DALMASSO, María Teresa. Algunas reflexiones en torno al análisis del discurso social contemporáneo. *Revista Umbrales*, n. 8, 1998.

DEL VILLAR, Rafael. De cómo tanto la forma visual como su contenido son

expresión de Ideología. *Primer Plano*, n. 1, 1972.

DEL VILLAR, Rafael. Consideraciones comparativas sobre la semiótica narrativa, la semántica antropológica y el análisis textual en el análisis literario. SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDIOS LITERÁRIOS, 2, *Anais...* Santiago: Ed. Universidad de Santiago, 1983.

DEL VILLAR, Rafael. La semiótica en Chile. *Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*, n. 7, p. 37-64, 1998.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2002.

DISCINI, Norma. *O Estilo nos Textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ESPAR, Teresa. *Semiótica general y el discurso literario latinoamericano*. Caracas: Monte Ávila, 1989.

ESPAR, Teresa. *Semántica al día*. Mérida: Grupo de Investigaciones Semiolingüísticas, Consejo de Estudios de Postgrado, Consejo de Desarrollo Científico, Humanístico y Tecnológico, Universidad de Los Andes, 2006.

FINOL, José Enrique; NERY, Dobrila de. La semiótica en Venezuela. Historia, situación actual y perspectivas. *Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*, n. 7, p. 91-106, 1998.

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988a.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988b.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo; Contexto/EDUSP, 1989.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. O éthos do enunciador. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz; LANDOWSKI, Eric. (Org.). *Gusti e disgusti*. Sociosemiotica del quotidiano. Turim: Testo & Imagine, 2000.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas, 1999.

- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. Vergonha e medo na configuração de identidades. *Versión: Estudios de comunicación y política*, v. 26, p. 219-246, 2011.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.
- KRIEGER, Maria da Graça. Discurso Lexicográfico. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric (Ed.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995. p. 99-110.
- KRIEGER, Maria da Graça. (Org.) *Terminologia e integração*. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- LANDOWSKI, Eric. *Les interacciones risquées*. Limoges: Pulim, 2006.
- LATELLA, Graciela *Metodología y teoría semiótica*. Analisis de Emma Zunz de J. L. Borges. Buenos Aires: Hachette, 1985.
- LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LOPES, Edward. *Metáfora: da retórica à semiótica*. São Paulo, Atual, 1986.
- LOPES, Ivã Carlos. Les activités sémiotiques au Brésil en 2010: survol à grande altitude. *Signata*, v. 1, p. 1-2, 2011.
- LOPES, Ivã Carlos. Coup d'oeil sur la sémiotique au Brésil en 2011. *Signata*, v. 2, p. 1-3, 2012.
- LOPES, Ivã Carlos; ALMEIDA, Dayane Celestino de (Org.). *Semiótica da Poesia: exercícios práticos*. São Paulo: Annablume, 2011.
- LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (Org.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LOPES, Paulo Eduardo. *A desinvenção do som: leituras dialógicas do tropicalismo*. Campinas: Pontes Editores, 1999.
- MATTELART, Armand. Pefiguração de la ideología burguesa. *Cuadernos de la Realidad Nacional*, n. 1, 1969.
- MATTELART, Michèle. El conformismo revoltoso de la canción popular”. *Cuadernos de la Realidad Nacional*, n. 5, 1970.
- MOZEJKO DE COSTA, Danuta Teresa. *El contrato enunciativo en dos relatos románticos sobre el indio*. Córdoba: UNC, 1991.
- MOZEJKO DE COSTA, Danuta Teresa. La posición del enunciador con respecto al enunciado: Historia verdadera de la conquista de la Nueva España e Historia de las Indias. *Estudios Semióticos*, n. 15, 1988.

- OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.). *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Org.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo. *El oscuro encanto de los textos visuales*. Dos ensayos sobre imágenes oníricas. Sevilla: Arcibel Editores, 2010.
- PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo. El lugar de la metáfora en textos audiovisuales (El animalario de Luis Buñuel). *Retórica del Visible*. Roma: Aracne Editrice, v. 1, p. 261-286, 2011.
- PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo; LOPES, Edward. *O Mito e sua Expressão na Literatura Hispano-Americana*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo; CAETANO, Kati (Org.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2003.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation*. La nouvelle rhétorique 2. ed. Bruxelas: Éditions de l'Institut de Sociologie, 1970.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *Semiótica visual*. Os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *O discurso da poesia concreta: uma abordagem semiótica*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2011.
- QUEZADA, Óscar. La visión de *Visión*. Semiótica del discurso editorial. *Contratexto*, n. 1, 1985.
- QUEZADA, Óscar. Presentación. In: QUEZADA, Ó. (Org.). *Fronteras de la semiótica*. Homenaje a Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima – Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 9-23.
- QUEZADA, Óscar. Semiótica y comunicacion social en el Peru. *Diálogos de la comunicación*, n. 83, 2012.
- RAVERA, Rosa María. En torno a la semiótica en Argentina. *Signa – Revista de la Asociación Española de Semiótica*, n. 9, p. 19-70, 2000.
- TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Semiótica da Canção: melodia e letra*. São Paulo: Escuta, 1994.
- TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Musitando a Semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

TEIXEIRA, Lúcia. *As Cores do Discurso: análise do discurso da crítica de arte*. Niterói: EDUFF, 1996.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. *Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 13-28, 2007.

Submissão do artigo: 15/06/2012

Aprovação do artigo: 15/08/2012